

O CRUZEIRO

JORNAL POLITICO, LITERARIO E NOTICIOSO.

O CRUZEIRO tem por fim considerer o Brazil na sua politica, na sua litteratura, e na sua administração; e especialmente advogar os interesses publicos da Provincia de Santa Catharina.—Publica-se às quintas-feiras e domingos; e assigna-se a 7:000 por anno, e a 4:000 por semestre, livre de porte e em pagamento adiantado. Folha avulsa 120 reis; annuncios a 60 reis por linha; e as publicações particulares o que se convencionar. Toda a correspondencia e reclamações serão dirigidas ao director responsavel.

PARTE RELIGIOSA.

A RELIGIÃO E A SCIENCIA.

Amrou, general mahometano, dizia vendo a grande bibliotheca de Alexandria:—Toda a verdade, está no alcorão: ou estes livros o repelem e n'este caso são desnecessarios ou a contradizem e mentem; portanto queimai-os.—Expressa talvez em tom menos vandalico é semelhante á idéa do general mahometano a idéa de todos aquelles que, sob pretexto de adoração aos designios inexcrutaveis de Deos, condemnam todo o estudo das causas secundarias no movimento da natureza.

O quanto semelhante doutrina tem de absurdo o bom senso logo descobre: vejamos agora o que ella tem de impiedade. A sciencia é necessaria á pratica: e se Deos nos impoz deveres praticos na ordem natural tambem nos tornou obrigatorio o conhecimento d'estas cousas sem o que toda a pratica seria impossivel e de cujo conhecimento depende a maior ou menor perfeição na pratica dos nossos deveres. Com isto temos respondido a todo esse systema de pseudo-religioso quietismo, que assim procurava confundir a apathia e o egoismo com a generosa resignação das almas animadas pela fé e esperanza. Nem se diga, que Deos podendo faser tudo sem nós, e podendo frustrar todos os nossos planos, é inutil tomarmos outro partido senão o de deixa-lo dirigir o movimento das cousas, sem disso nos occuparmos.—E' verdade que o resultado de tudo depende da vontade de Dees, da sua providencia; mas que importa isto para nos despensarmos d'este dever que nos foi imposto de empregarmos as nossas forças naturaes quer na ordem physica quer na moral? *Co-operatores Dei sumus*: nós somos cooperadores no trabalho da Providencia. Demos pois ao trabalho o nosso corpo e o nosso espirito segundo as vistas da Providencia, não temamos os resultados porque a elaboração é sua; mas haverá cousa tão impia, tão blasphematoria, como proclamar a legitimidade de inacção; só porque Deos se reservou os resultados do trabalho humano?

Esta doutrina é ainda contraria a tudo o que lemos na sagrada Escriptura. Alli a cada passo se encontra o preceito de uma charidade pratica: e esta não se pode exercer senão com o conhecimento dos recursos naturaes.

O Espirito Santo manda-nos honrar o medico, por causa da saude; S. Thiago considera como um hypocrita o homem, que em vez de applicar os meios naturaes ao socorro do seu semelhante, contenta-se de o por debaixo da protecção de Deos: e Jesus Christo respondendo. — Não tentarás o Senhor teu Deos, quando o demonio lhe disse de lançar-se do alto de uma torre; porque os anjos viriam sustenta-lo na queda segundo as palavras de David: não condemnou, como um desejo de experimentar a omnipotencia divina, este systema que condemna o uso dos meios naturaes?

A Igreja comprehendeu tambem esta benção lancada pela palavra divina sobre todos os recursos naturaes do homem: que ella até hoje nunca cessou de abençoar os que as abençoam e de anathematizar os que as anathematizam: de sorte que nós vemos as bellas artes, desde as magestosas concepções da architettura até os delicados riscos de um recamo, entrarem no circulo da sua lithurgia: vemos o trabalho manual estabelecido como regra nas instituições monasticas durante muitos seculos e ainda em algumas das quaes hoje existem: vemos emfim a sciencia profana exigida para os ministros da palavra sancta. E por fim não serão bastantes as condemnações fulminadas a este respeito contra o manichismo, contra os lutheranos, os jansenistas e os quietistas para arrancar a mascara de piedade, com que muitos querem autorisar o seo genio hipocondriaco e o egoismo do seu character?

Não è por certo a religião catholica que se pode accusar de querer encadear a actividade humana diante da omnipotencia divina. E por que é ella accusada tantas vezes de um erro que tem sempre condemnado? E' porque com igual rigor ella se oppõe tambem ao erro contrario. A heresia quasi sempre procurou supprimir o homem diante de Deos: o philosophismo nos seus excessos materialistas ou idealistas procura supprimir Deos diante da razão. Para estes ultimos aggressores da verdade toda a intervenção particular de Deos na ordem natural é um crime de lesa sciencia. Elles querem reduzir o movimento universal a um systema de uniformidade que os factos desmentem á porfia. Todos os dias factos apparecem que a sciencia não pode de modo algum explicar; que são mesmo contrarios a todos os dados scientificos que até ali se tem obtido... e mesmo quando assim não fosse que razão haveria para identificar a intelligencia divina no prin-

cipio da uniformidade? Pela nossa parte não podemos comprehender a necessidade de que tudo vá como tem ido até aqui, para que Deos manifeste a sua sabedoria. Ora, dão havendo uma razão *á priori* que desminta a intervenção de Deos de um modo especial n'este ou naquelle acontecimento: os factos mesmos dando toda a probabilidade a esta crença, em que se funda então esse riso pedantesco com que elles ultrajam as esperanças de uma alma pia que faz um voto ao omnipotente para desviar, ou na enfermidade, ou na borrasca, ou em qualquer calamidade da vida, os funestos prognosticos da sciencia?

Querendo pois que o homem investigue a natureza, sempre dominado pelo pensamento de Deos, temos todas as presumpções, temos ainda os principios. Quando os materialistas recusassem assim a Providencia não nos admiraria. Estes filhos ingratos da sciencia renunciaram a sua mãe, renunciaram a todos os principios absolutos, elles não conhecem verdade alguma anterior aos factos: assim o moral (d'onde nos principios espiritalistas tudo deve proceder) nos principios oppostos, por uma logica conclusão, é a ultima consequencia de tudo. Porém o racionalismo das escolas espiritalistas modernas não será uma contradicção com os seus mesmos principios? Vós convindes com-nosco que o mundo physico não tem importancia senão pelas suas relações com o mundo da intelligencia e da vontade; isto é, com o mundo moral. N'este caso haverá doutrina alguma mais acertada do que estabelecer que a maior ou menor perfeição da moral humana deve influir muito sobre o andamento da natureza physica? Todo o que não dispõe uma vontade a amar mais ou a odiar menos não tem resultado algum; assim é muito justo de tentar como remedio ás desordens physicas, a correção das desordens moraes. Chama-se o medico para salvar a vida ao enfermo; chama-se o nautico para valer a embarcação que se perde: e isto, note-se bem, não tanto pelo facto material, mas porque os nossos esforços no emprego dos recursos materiaes são outros tantos exercicios da charidade, outros tantos meios de desenvolve-la: porém em consequencia d'este mesmo principio que os racionalistas não negam, que o valor do mundo physico consiste nas suas relações com o mundo moral; nós tambem aconselharemos aquelles actos que determinam immediatamente a nossa moralidade, como uma prece fervente, uma esmola, um acto qualquer de charidade.

Julgamos não merecer séria refutação um ultimo sophisma que se nos oppõe em consideração de immutabilidade divina, n'esse caso não eram os meios moraes, mas ainda os meios phisicos, que deviam ser condemnados, e iriamos cahir no quietismo, ou no materialismo, ou no fatalismo. Graças a Deos, nenhuma d'essas monstruosidades fórma hoje uma escola. Assim os racionalistas concordando connosco que tudo se deve ligar a um principio absoluto, è com toda a razão que nós vamos mais adiante, vamos até a realidade d'este absoluto, e lhes dizemos com S. Paulo—ou vós comaes, ou bebaes, ou façaes alguma cousa, fazei tudo para a gloria de Deos.

Não será esta doutrina cheia de moderação? não defraudamos a sciencia humana de cousa alguma n'aquillo que attribuímos a piedade; mas como ella mesma confessa que nem sempre os seus recursos bastam para valer as necessidades do homem, nós procuramos ainda inspirar ao homem uma esperança n'aquelle que pode dar a vista aos cegos e ouvido aos surdos, e a cuja voz se acclamam os ventos e as ondas. Quereis que elle não tenha confiança senão no vosso saber? felizmente uma experiencia ainda mais antiga e mais geral que a de todos os factos scientificos tem-lhe dado a doce crença, que aquelle que ama tudo o que creou nunca lançará um seixo sobre as mãos que se lhe estendem a pedir pão!

PARTE POLITICA

AS ELEIÇÕES FUTURAS.

Não ha um só brasileiro que não esteja convencido da existencia de um phenomeno muito real, que ao presente se dá na sociedade brasileira—o desvirtuamento do systema representativo, os progressos do governo pessoal e o desenfreamento do espirito de adalação ao poder executivo.

Todas as classes da sociedade mostram-se descontentes com o estado de cousas actual. O poder executivo, dizem todos, mostra-se arrogantemente sobranceiro aos outros poderes. O legislativo e o judicial não são mais poderes, como quer a constituição, dotados de autonomia, girando em uma esphera que lhes é privativa. Elles não passam hoje de humildes satelites do executivo. A corrupção a mais cynica lavra por todas as espheras dissolvendo os elementos de vida da nossa sociedade. O parlamento, a quem nos governos democraticos está confiada a mais importante missão, o parlamento, sem cujo assentimento a machina representativa não pôde dar um passo, pois a elle compete conceder ao executivo, por meio de leis annuas, todas as condições de vida, o parlamento, filho das urnas populares, e por isso mesmo independente, é talvez o poder mais escravo que existe entre nós ha muitos annos.

Com effeito, por todas as camadas sociaes desde a capital do imperio até a mais insignificante aldeia, nota-se o espirito de descontentamento o mais pronunciado.

Os cidadãos aceitam a actualidade como um *pis aller*, como um estado máu que cum-

pre tolerar por não se ter a certeza de deparar desde já com outro melhor.

Mas essa desolação, esse estado de indifrentismo, esse marasmo geral, não é o estado normal de uma sociedade nova, que encerra em seu seio elementos de um magnifico futuro, e que, por suas tendencias naturalmente pacificas e ordeiras, tem direito a um presente mais lisongeiro.

Campre quanto antes sondar as origens do mal e removel-as. A sociedade brasileira não pôde por mais tempo correr sobre o plano inclinado em que se acha. E' mister desde já encontrar um ponto de repouso.

Uma das origens do mal que nos afflige é sem duvida, com pesar o dizemos, o parlamento. A camara dos deputados nos ultimos annos não tem comprehendido sua missão, não tem convenientemente desempenhado o importante mando que lhe foi confiado pela nação. Em vez de procurar minorar os nossos males, corrigir os vicios da situação, asoberbar a insolencia do executivo, a camara dos deputados presta seu assentimento á todos os processos corruptores empregados com o fim de estragar o paiz, sanciona todos os abusos que se vão encher tando no regimen representativo, e corteja humildamente o executivo.

Ninguem ha que desconheça o abatimento em que tem cahido a camara dos deputados, a corrupção que levra em seu seio, a falta de luzes e de patriotismo da maior parte de seus membros.

E a quem compete remover males de ordem tão importante?

Ao paiz.

A grande missão de regenerar o paiz pelo parlamento é confiada ao proprio paiz por meio da eleição. E' nas urnas que o povo decide de sua propria sorte. E' pela eleição que elle escolhe os homens á quem confia a nobre missão de regenerar a sociedade.

Se o povo entende que a eleição é um acto de importancia somenos, á questão convém sacrificar algumas horas, o quo será dos negocios publicos? o que será do paiz?

Aproxima-se a época em que a nação é chamada a exercer o seu direito mais precioso—o de escolher seus representantes. E' indispensavel que o patriotismo o mais puro e ardente dirija o exercicio desse—o mais importante direito das sociedades democraticas.

O suborno, o patronato, o compadresco, a violencia, e muitas vezes um estreito bairrismo procuram desvirtuar as eleições. Convém que o paiz esteja de sobre-aviso e não preste sua confiança senão a quem for digno delle. As sugestões do patronato e das conveniencias particulares devem ser inteiramente sacrificadas ao bem publico. O mandato de representante da nação não deve ser confiado senão ao talento, á illustração e ao patriotismo. (Da *Actualidade*.)

VARIÉDADES.

OS DOIS ESTUDANTES DE VESTMINISTER.

Uma boa acção é uma semente lançada á terra, de que tarde ou cedo se recolhe o fructo.

Esta sentença de um poeta árabe quasi sempre se verifica. Na verdade é raro que uma acção

boa não fraga um dia a sua recompensa áquelle que a praticou, ou seja na retribuição do beneficio, ou na gloria de um bom nome, ou em fim na satisfação e gozo interior do proprio coração.

Quando alguém diz, que os homens bemfazejos não são neste mundo os mais felizes, engana-se grosseiramente, pois que confunde a felicidade real com suas falsas apparencias: para fallar com exactidão deveria dizer, que taes homens não são ordinariamente dos mais ricos, nem dos mais poderosos. Mas é na riqueza e no poder que está a verdadeira felicidade?

Quem ha que, pelo menos uma vez na vida, não tenha tirado util partido de uma boa acção, de que logo se esquece? Qual é o homem de bem, que não tenha encontrado ao menos um estranho que só atrahido do seu bom nome lhe haja votado sua affeição e sympathia? E será acaso de pouca monta este sentimento de fraternidade que liga mutuamente os homens honrados, e que assegura ao que fez uma boa acção o apoio de todos aquelles que são capazes de a comprehender, e imitar? Quem pode prever neste mundo ao que se verá exposto pela vicissitude dos acontecimentos; e qual o fructo que poderá tirar um dia do beneficio que hoje fizer? Não se deve fazer o bem com a unica idéa de receber delle a recompensa; isto seria traficar com o coração: mas sem pretender receber a paga de um dever que se cumpre, ha todavia direito a esperar que se encontrará em os outros o mesmo favor, que elles encontráram em nós: e quando se offerecer a occasião opportuna, se recolherá alguma retribuição donde se semeáram muitos beneficios.

A seguinte anedocta, que estrahimos da historia da Inglaterra, nos parece ser um exemplo tocante desta verdade.

Ella teve logar na época das desordens entre o parlamento e o rei. Os dois partidos haviam lançado mão das armas, e fazião-se um ao outro uma guerra encarnicada. O exercito do rei Carlos ja por vezes tinha sido derrotado, e aquelles dos seus partidistas a quem apanhavam com as armas nas mãos, erão conduzidos perante os juizes estabelecidos por Cromwel em cada cidade, para os sentenciarem e condemnarem como rebeldes.

Sir Patrick de New-Castle era um d'estes juizes. Homem de costumes austeros, tido por um republicano dedicado, mas sem exaltação, dota do de uma probidade reconhecida, elle havia merecido a estima do protector, que o honrava particularmente. Sua fraca saude lhe não havia permitido seguir a carreira das armas, e sua inclinação o fizera applicar á jurisprudencia; servindo de coração a causa que havia abraçado, todos o consideravão como o parlamentar mais inflexivel, mas ao mesmo tempo o homem mais honrado, e o magistrado mais recto de todo o condado.

Uma noite que Sir Patrick havia reunido alguns amigos, e com elles alegre ceava no centro de sua familia, entráram alguns soldados com um prisioneiro realista, que pouco antes havia surprehendido. Era um official, que depois da derrota do exercito do rei Carlos havia procurado ganhar algum porto de mar onde podesse encontrar meios de embarcar para França. Sir Patrick ordenou que lhe desamarrassem as mãos; e mandando chegar uma mesa para junto do fogo, dirigindo-se aos soldados, disse-lhes.

«Hoje é um dia de festa em minha casa, e quero acabar alegremente a ceia que hei começado! Sentai-vos todos; e servi-vos do que houver para comer. Neste momento sou apenas o hospede do prisioneiro, dentro em uma bora serei o seu juiz.»

Os soldados agradecerão, e sentáram-se á meza juntamente com o seu prisioneiro, que pelo sangue frio com que estava, parecia completamente resignado á sua sorte, pois principiou logo a comer com bom apetite.

Sir Patrick tornou de novo ao seu lugar, e comendo continuou com os seus amigos a conversação, que a chegada dos soldados havia interrompido.

« Ora pois, vos dizia eu, que aos quinze annos era tão fraco de corpo, que todos por isso me depressavão, e continuamente abusavão de minha fraqueza para me insultarem. Tive ao principio de soffrer os máos tratamentos de uma madras-ta, e quando me mandarão para o collegio, os meus condiscipulos me não pouparão. A coragem n'uma criança é o resultado da consciencia da sua força. A minha fraqueza me tornou cobarde; longe de me afazer ao mal, as brutalidades a que me achava exposto me fizeram mais sensível á dor mais temeroso della. Vivia, por assim dizer, em continuo sobresalto; mas o que mais que tudo eu temia, era a palmatoria do mestre. Duas vezes recebi este cruel castigo, e delle tinha conservado tão terrivel lembrança, que só a idéa de me ver de novo exposto a elle, fazia estremecer todo o meu corpo.

Seguia, como ja vos disse, o curso dos meus estudos no collegio de Westminster; as duas aulas deste collegio apenas erão separadas por uma simples cortina; que expressamente nes era prohibido tocar. Um dia de verão adormeci, quando o professor nos estava fazendo uma explicação da poetica de Aristóteles. Um movimento que se fez na aula, me accordou sobresaltado, e indo quasi a sahir, agarrei-me a cortina, que se rasgou com o pezo do meu corpo, deixando uma grande abertura por onde se podia ver a aula vizinha. Os dois professores, á bulha que isto fez, voltarão-se, e perceberão ao mesmo tempo o estrago da cortina: tanto podia eu ser disto accusado, como o collegial que estava sentado ao lado de lá na outra aula; mas trahio-me a minha perturbação, e o professor encolerizado mandou q' me dessem uma duzia de palmatoadas. Levantei-me estonteado, como se me achara embriagado; tentei fallar para pedir perdão; mas o susto me havia gellado a voz; os joelhos fugião debaixo do corpo, corria-me por todo elle um suor frio: finalmente chegando junto ao professor, caí aos seus pés. Já estava levantado sobre mim o terrivel instrumento, quando uma voz gritou: « Não o castigueis, só eu sou o culpado. » Quem assim fallava era o estudante sentado no lado opposto da cortina. Mandarão-no sentar na nossa aula, e ahí recebo as doze palmatoadas a que eu fora sentenciado. O meu primeiro movimento foi de declarar a verdade, e reclamar para mim o não merecido castigo, que outro ainda menos merecidamente estava levando; mas faltarão-me as forças e dada a primeira palmatoada tive vergonha de fallar.

Depois de haver recebido todo o castigo, o estudante passou por pé de mim, e mostrando-me as suas mãos ensanguentadas, me disse em voz baixa, com um tom que nunca em minha vida esquecerei.

« Não te agarres mais á cortina, pequeno; olha que a palmatoria faz doer muito. »

Caí de joelhos a chorar, e forão obrigados a mandar-me sahir da aula.

Depois desse dia, tive em horror a minha cobardia, tudo fiz para a vencer, e espero em fim ter conseguido o meu proposito.

« E não conheceis esse generoso camarada? perguntou um dos individuos: nunca mais o tornastes a vêr? »

— Nunca mais, desgraçadamente: elle não era da minha aula, e eu pouco depois deixei o collegio de Westminster. Ah! Deos é testemunha (acrescentou Sir Patrick com as lagrimas nos olhos,) Deos é testemunha, que nas minhas orações muitas vezes lhe pedi tornar ver aquelle que por mim fora castigado, e ainda neste momento eu daria muitos dos annos da minha vida, se podesse aqui tocar o meu copo com o seu, e beber á sua saúde. »

Neste instante um copo se avançou para o de sir Patrick; elle levantou os olhos admirado: era o prisioneiro realista, que sorrindo-se, offerecia beber á saúde do magistrado.

« A' memoria da cortina rasgada do collegio de Westminster, sir Patrick, disse o official: mas em verdade vos digo, que a vossa memoria vos não é fiel, pois que vos não lembrais, que além da primeira duzia de palmatoadas, eu recebi ainda outra duzia, por ter exposto outrem a ser castigado, e não confessado immediatamente a minha culpa.

— E' verdade, é verdade, gritou o juiz, agora me recordo disso.

— E o vosso bondoso professor vos deu nesta occasião a fazer, se bem me lembro, um discurso latino, sobre as *maldades voluntarias*.

— E' verdade, é verdade, bem me lembro, exclamou sir Patrick. Mas será possível que sejais vós? Sim accrescentou depois de o ter considerado; sim sois vós: reconheço aquella figura que a tantos annos tenho gravada em minha memoria. Sois vós, não ha duvida; mas em que situação, e com que uniforme?

— Com o uniforme do meu rei, sir Patrick, Fidalgo, e escossez, eu obedeci ao que sempre me ensinaraõ ser meu dever: defender o throno e a liberdade. Segui meu pai ao exercito de Carlos I; meu pai é morto, e dentro em pouco eu o serei tambem. Muito embora: apenas tenho um voto a fazer: « *Deos salve o rei!* »

Depois destas palavras o official voltou para junto dos soldados, e continuou a comer com todo o socego.

Mas sir Patrick ficou sombrio, e preocupado. Nessa mesma noite, depois de ter dado as ordens necessarias para que o prisioneiro fosse bem tratado, partio sem dizer para onde, e por tres dias esteve ausente. Finalmente ao quarto dia chegou e disse que lhe trouxessem o official realista.

« Vou em fim ser sentenciado? perguntou o preso. E' ja tempo de acabarmos com isto, ainda que não fosse se não por humanidade: têm-me tratado tão bem em tua casa, que se mais nella me demorasse, teria pezar de deixar a vida.

— Lord Derby, diz o juiz moi commovido, lord Derby, vinte annos ha que tu me disseste, mostrando-me tuas mãos ensanguentadas. — Não te agarres mais á cortina, pois a palmatoria faz doer muito. — Eis-aqui o teu perdão assignado pelo protector; mas agora tambem eu direi: — Não pegues outra vez em armas contra o parlamento, porque não é facil obter um perdão de Cromwell. »

Então sir Patrick e lord Derby se abraçaraõ, e viverão desde esse dia na maior intimidade, apezar da differença de suas opiniões politicas.

O CRUZEIRO.

NOTICIAS DIVERSAS

Lê-se no *Diario do Rio*:

As graves questões da Europa não têm dado um passo decisivo desde a data da minha anterior correspondencia, e todavia os homens politicos não tem descansado um só momento durante esses 15 dias. Os soberanos olham-se mutuamente com desconfiança, os povos arreceiam-se de traições, e a luta entre as liberdades e o despotismo continúa sempre travada, porém mais nas trevas do que á luz do sol.

O máo exito que teve o primeiro cabo submarino entre a Inglaterra e os Estados Unidos não desalentou os tenazes filhos d' Albion. Trata-se novamente de estabelecer o fio electrico entre a Grã-Bertanha e a America do norte, passando pelas linhas Feroé, Islandia e Groenlandia.

A assignatura de Garibaldi nos actos officiaes é esta: *General Garibaldi, dictador na Sicilia, em nome de Sua Magestade Victor Manoel, rei da Italia.*

Chegou aqui (Pariz) o Irmão do Imperador de Marrocos e um embaixador do mesmo paiz; parece que buscam o apoio de Napoleão para lhes ser restituida a praça de Tetuan, antes de paga á Hespanha toda a indemnisação promettida.

— A Suissa continua a reclamar contra a annexação da Saboia á França, e pede ás potencias da Europa a reuniao de um congresso para decidir a questão de limites entre a confederação e o imperio. O governo federal regeitou *in limine* as propostas de Napoleão, que se reduziam aos tres seguintes pontos:

1.º Cedencia á Suissa de uma pequena ilha demarcadas nas montanhas, desde Meillerie até Col de Ferret. — 2.º Concordancia em não ter esquadilha armada no lago de Genebra, comtanto que a Suissa procedesse reciprocamente neste ponto. — 3.º A França obrigava-se ainda a não erigir fortificação alguma em determinada porção de territorio limitado pelos montes de Vuache, Sion e de Saleve

— Ha más noticias da Syria. Renovou-se a guerra civil no Líbano. Os Druzos vencedores queimaram aldeas inteiras nas serras, respeitando, comtudo, algumas fabricas europeas. A autoridade turca não interveio, e espera-se nova explôção. Diz-se mesmo que os soldados turcos ajudaram os Druzos na matança dos christãos! Isto complica de novo a questão do Oriente, que parecia voltar-se para o lado pácifico pela moderação apresentada ultimamente por parte da Russia. A situação agora é grave.

Emquanto ali se atea o fogo da guerra e do incendio, trata uma companhia ingleza de apagar o vulcão do Vesuvio, pedindo licença ao rei de Napoles para cavar um canal que conduza as aguas do mar á cratera. Com esta operação, que não custará mais de dous milhões de francos, decuplará o valor das terras, e acabará o receio das irupções... é verdade que acaba esse passatempo periodico para os inglezes atacados de *spleen*.

— Acaba de publicar-se um folheto, intitulado: *As duas espadas*, que forma um parallelo entre os dous chefes — da revolução e da contra-revolução — Garibaldi e Lamoriciere. O autor decide-se pelo primeiro.

— Segundo as ultimas noticias recebidas, os Chins preparam-se para resistir energicamente aos alliados.

— Vive em Chimay (Belgica) o decano dos militares europeos e do mundo, e certamente o Nestor da humanidade: é o capitão Alexandre Victorino Narcizo Viroux, nascido em Chimay a 9 de Novembro de 1709, e que tem por consequencia, 150 annos completos de idade! Quem assegura este facto é o *Moniteur belge*.

— Houve uma grande reunião em Jersey, *meeting*, de 400 pessas, á qual assistio Victor Hugo, pronunciando um discurso monumental e prophético sobre a sorte da Italia. A sua reproducção foi prohibida em França!... Mas quem impedirá que seja lido com avidéz e enthusiasmo por todos os Francezes?

— As tropas de Garibaldi tomaram posse

de Girgenti, e Trapani foi abandonada pelos Napolitanos. O povo da ilha de Favignona soltou os presos politicos.

— Está-se desmanchando a igreja de Santa Catharina de Lisboa, para aformosear o largo, quasi obstruido por aquellas ruinas, e removendo-se ha dias, um cranco donde pendia uma linda trança loura, perfeitamente conservada, e com tres palmos de comprido. Parece que o corpo a que pertencia a trança, fôra alli sepultado ha, proxivamente, cem annos!... Como é pois que se conservou aquelle cabello, sem mesmo perder a côr, por tanto tempo? Isto que parece uma futilidade, é comtudo um phenomeno digno de estudar-se em fraco entender.

— Houve um leve tremor de terra em Lisboa, na manhã do dia 25 do corrente, sem que resultasse nenhum estrago para a cidade.

Apparece sobre o horisonte de Lisboa um cometa, que suppõe-se o de Carlos V.

Entre os passageiros, vindos ultimamente no *Joinville* chegou a esta cidade o Sr. capitão de engenheiros Dr. Francisco Carlos da Luz, que, segundo nos consta vem tratar da sua candidatura á deputação geral por esta provincia.

Informam-nos que este senhor se apresenta candidato com o Sr. Lamego, ou como seu supplente, ou como segundo deputado, no caso de passar no senado a reforma da lei eleitoral; e que para este fim vem combinado e recommendado pelo mesmo Sr. Lamego.

A ser assim temos mais um facto incontestavel para comprovar a flagrante deslealdade, com que se tem havido o Sr. Lamego nas suas pretensões ao logar de deputado desta provincia.

O Sr. Lamego acha-se compromettido com o Sr. padre Paiva, que foi quem pela imprensa, e por algumas demonstrações populares se esforçou para organizar um partido no sentido das pretensões do afortunado official da nossa marinha.

O Sr. Lamego acha-se igualmente compromettido com o Sr. Antonio Carlos Cesar de Mello e Andrade, da illustre familia dos Andradas, cavalheiro de distincta illustração, e muito valimento e influencia na corte, a quem S. Exc. foi espontaneamente offerecer a supplicia; e a quem logo trahiu.

E sem fallarmos n'um outro compromisso, que não foi tão formal, acha-se agora compromettido com o Sr. Francisco Carlos da Luz.

Um individuo, que trahe um partido, que esbulha os seus chefes da reprezentação provincial, que improvisa caracteres gastos e repugnantes, que afaga e trahe a trez cavalleiros, como os que acabamos de nomear, este individuo, como dizemos poderá nunca merecer e obter o sufragio da provincia?

Duvidamos, e o tempo no-lo hade mostrar.

Ou seja pela lei vigente, ou seja pela lei da reforma, a provincia tem de escolher dois individuos para deputar á assembléa geral legislativa; mas de certo o deverá fazer pela consciencia e conhecimento que tenha dos honrosos precedentes, e da necessaria illustração dos candidatos.

Nem uma nem outra cousa possui o Sr. Lamego, que só mira a crear-se uma posição de influencia. Os seus precedentes dizem-nos que elle só tem vivido do embuste e da traição, porque se diz filho desta provincia,

quando aliás consta, que nascera portuguez, e que para ella viera na idade de dois annos. E tem vivido de traição, porque elle tem trez compromissos de honra, e de que nunca se poderá desembaraçar airoosamente.

Sobre a illustração do Sr. Lamego achase hoje por demais aquilatada. O seu procedimento na camara temporaria tem sido uma vergonha para esta provincia.

E à vista d'isto haverá ainda quem nos diga, que o Sr. Lamego deverá ser eleito deputado?

E' provavel que sim, porque já ha quem diga que os ignorantes e analphabetos devem ser representados no corpo legislativo: e n'esse caso ninguem poderá disputar esse cargo ao Sr. Lamego.

Mas então para seu supplente, ou companheiro não pode ser nem o Sr. Andrade, nem o Sr. padre Paiva, nem o Sr. Luz; por que o espirito não se hade sujeitar à materia.

Consta-nos que no dia 26, na casa do Sr. Wanseler houve uma reunião de cerca de 30 pessoas, promovida pela gente do Sr. Lamego.

Não sabemos o que ahi se passou, mas o que é facto é haver-se verificado, que o partido do Sr. Lamego não tinha cabeça.

Os dignos membros da reunião declararam-se em perigo, e votaram que se nomeasse um só directorio e nada decidirão a respeito da pretensão do Sr. Padre Paiva, e do Sr. Luz, que continuão a ser mestificados.

Consta-nos que o Snr. commendador João Pinto da Luz não aceita por ora a direccão.

O partido--Lamego, pois, acha-se acéphalo, e meio desnorteado. O *piloto* já o abandonou; e navega agora entre Scyla e Caribedes; que assim se póde julgar as candidaturas dos Srs. Paiva e Luz.

Com effeito os partidos não se matam com quatro palavras; mas a impostura, a deslealdade, e a ignorancia matam-se com a verdade, e palverizam-se com a influencia da illustração.

Consta nos que o Sr. P. Paiva para não ser ludibriado pela gente do Sr. Lamego tomou a resolução de partir para S. Francisco por terra a tratar de sua candidatura. Deos ajude ao Sr. Padre Paiva, e a nós não desampare.

Depois de composto o artigo anterior soube-mos que os Srs. Moreira e Valle chefe do partido Lameguista ja responderão ao Sr. commendador João Pinto da Luz declarando q' o seu sobrinho era o candidato que elles preferião ao Sr. padre Paiva.

Talvez ao ouvido do Sr. padre Paiva esses mesmos Srs. Moreira e Valle digão cousa diversa; pois a não ser exacta esta nossa suspeita não sabemos como poderia o Reverendo Vigario resolver-se a partir para o norte da Provincia a fim de fazer prevalecer a sua candidatura conjuntamente com a do Sr. Lamego.

Podemos asseverar (e o tempo o confirmará) que quaesquer que sejam as declarações dos Srs. Moreira e Valle, hãode continuar a recommendar o Sr. Luz para os collegio do Sul, e o Sr. Padre Paiva para as do Norte, porque de outra sorte não podera' vingar a repugnante candidatura do Sr. Lamego.

Fação porém os Lamegnistas os calculos que fizerem podemos asseverar-lhe que a candida-

tura do Sr. Lamego hado baquear, e com ella a influencia que sobre esta bella Provincia pretendem exercer os Srs. Valle e Moreira.

Pela nossa parte havemos fazer todos os esforços para arredar desta Provincia a desgraça e vergonha de serem as seus negocios dirigidos e influenciados por estes dous repugnantes caracteres.

A noticia da morte do Sr. Dr. Manoel Pinto Portella consternou a toda esta cidade, por que o illustre e caridoso medico, na sua longa carreira clinica tinha sabido grangear uma verdadeira estima, e um profundo reconhecimento.

No dia 17 celebrou-se na igreja de S. Francisco uma missa funebre, á qual concorreu um crescido numero das principaes pessoas d'esta cidade, demonstrando assim que o merito e as virtudes são reconhecidas e apreciadas, ainda além da sepultura.

No ultimo vapor da corte chegaram 286 colonos allemães para serem distribuidos pelas differentes colonias da provincia.

EDITAE.

O major Joaquim José d'Oliveira Cereal, juiz de orphãos e ausentes do termo d'esta cidade de N. S. da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul, 1.º supplente em exercicio na forma da lei &.

Pelo presente chamo a todos os herdeiros successores do ausente Antonio Pereira de Miranda, e todos os que direito tenham na sua herança a virem habilitar-se e requerer neste juizo dentro de trinta dias seguintes ao praso deste edital, isto é, a contar do dia quinze d'Agosto proximo futuro em diante, de conformidade com o art. 47 § 3.º do regulamento n. 2,433 de 15 de Junho de 1859, sob pena de ser julgada a herança vaga e devoluta a fazenda nacional, findo o termo legal. E para que chegue a noticia de quem coavie, mandei lavrar dous deste teor para serem publicados e affixados um n'esta cidade e outro publicado pela imprensa na capital desta provincia com o praso da trinta dias na forma do art. 32 do citado regulamento. Dado e passado nesta sobredita cidade de São Francisco, aos 16 dias do mez de Julho de 1860. Eu, João Policarpo Machado da Paixão, escrevão que o subscrevy.

Joaquim José d'Olivera Cereal

ANNUNCIOS.

Formiga & Companhia.

Com armazem na rua do Principe, em frente do Hotel do Univervo, acabão de receber a consignação os mais modernos chapéos de palhinha fina de Italia á pastora e ditos de seda ricamente enfeitados para sehora, e vendem por muito commodo preço.

Preciza-se alugar um bom escravo na pastelleria, debaixo do Hotel do Universo, na rua do Principe.

Director—F. M. R. d'Almeida.
Typ, Catharinense de G. A. M. Avelim.
Largo do quartel n. 41.